

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**A CRISE DA IDENTIDADE DO JORNALISTA
Discutindo conceitos e metodologias**

Naiana Rodrigues da Silva¹

Resumo

As novas tecnologias estão alterando significativamente nosso cotidiano. No jornalismo motivam o repensar de práticas, do papel do público e do futuro da profissão. O jornalista é protagonista desse processo. Ele assume novas funções, é denominado de multimidiático e questiona sua condição, o que esta autora percebe como uma crise da identidade do jornalista de impresso. Esse artigo discute, portanto, os conceitos de identidade e diferença, fundamentais para a pesquisa, que visa compreender como a identidade dos repórteres do jornal cearense *Diário do Nordeste* é afetada pelo uso que eles fazem das novas tecnologias na rotina de trabalho.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Identidade. Jornalismo impresso. Jornalismo multimídia.

1. Modernidade, tecnologia e identidade – complexidades e incertezas

Nos primórdios da modernidade, ainda com o homem cartesiano, um dos aportes de segurança dos sujeitos era a identidade. Tida como una, sólida e imutável, era o elemento

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará, bolsista do Programa Demanda Social da Capes. naianarodrigues@gmail.com

de distinção dos homens e a materialização de sua essência. A centralização do homem é celebrada ao longo dos tempos modernos, mas gradativamente, complexifica-se. Conforme observa o filósofo Manfredo Oliveira, no pensamento de Hegel, o princípio que norteia a nova ordem social identificada como moderna é a subjetividade: “A emergência da subjetividade significa a emergência da soberania do sujeito autônomo sobre si mesmo” (1993: 72).

Enquanto o homem cartesiano precisava se auto-afirmar perante a natureza – e o fazia pela distinção da razão, o sujeito² de Hegel afirma-se perante si mesmo e também diante do outro. As reflexões em torno da subjetividade humana dão origem ao que Hall (2006: 31) chama de sujeito sociológico, cuja identidade é construída a partir da internalização das influências resultantes das interações sociais.

O sujeito como norteador da modernidade está na base do pensamento de Freud, para quem a subjetividade “é o produto de processos psíquicos inconscientes” (HALL, 2006: 37) e também nas reflexões de Foucault (1987) sobre o poder disciplinar, que ressaltam a dissolução do sujeito ou seu “aprisionamento” pelas instituições modernas. O que se observa com a emergência dessas teorias é a perda da onipotência do sujeito.

Esses fenômenos desencadeiam o que Stuart Hall (2006: 34) identifica como descentramentos ou deslocamentos do sujeito nos discursos do conhecimento na modernidade tardia. O autor enumera outras três rupturas responsáveis pela saída de cena do sujeito cartesiano: o Marxismo, a arbitrariedade da língua nos estudos de Ferdinand de Saussure e o Feminismo³. Os cinco descentramentos são responsáveis pelo que o pesquisador jamaicano identifica como uma crise da identidade cultural que se instaura na pós-modernidade.

A crise coloca em relevo que não se pode mais tratar a identidade como a tradução da essência do homem ou a internalização das influências do meio social. A identidade do sujeito pós-moderno é caracterizada pela fragmentação e transitoriedade, marcas inerentes

² O próprio conceito de sujeito deriva das reflexões que colocam em relevo a subjetividade humana.

³ Para o Marxismo, “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (MARX *apud* HALL, 2006: 34). Ferdinand de Saussure, por sua vez, enunciou que a língua pré-existe ao homem, pois trata-se de um sistema social e não individual, portanto, mutável apenas a partir de consensos sociais. Já o Feminismo estabeleceu as diferenças entre homem e mulher a partir do sexo, do gênero, negando o argumento de que ambos possuem uma mesma identidade, uma identidade humana (HALL, 2006: 46).

ao atual estágio da modernidade, seja ele chamado de pós-moderno (HALL, 2006), tardio (GIDDENS, 1991) ou líquido (BAUMAN, 2001).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006: 13).

Conforme Hall (2006), ao longo de nossa trajetória de vida assumimos diferentes posturas identitárias e não se tratam de identidades que se sucedem, mas que convivem umas com as outras tanto de forma harmônica como conflituosa. Uma ilustração disso nos é dada por Bauman:

Minha colega de trabalho e amiga Agnes Heller, com quem compartilho, em grande medida, os apuros da vida, uma vez se queixou de que, sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades demais para uma só pessoa (2005: 19).

A situação de Agnes Heller deixa entrever que partilhamos identidades de diferentes naturezas: gênero, nacionalidade, religião e profissão, cuja prevalência ou não de uma sobre as outras depende da situação dada em que nos encontramos.

De acordo com Giddens (2002), a modernidade tardia é rodeada por dúvidas, crises e dilemas desencadeados pela reflexividade que se instaura no mundo moderno. “Uma auto-identidade precisa ser criada e de certa forma reordenada contra o pano de fundo das experiências cambiantes da vida diária e das tendências fragmentadoras das instituições modernas” (GIDDENS, 2002: 172). Recorrendo à argumentação de Erving Goffman, ele observa que o eu se adéqua a cada nova situação que a modernidade cria.

Uma pessoa pode fazer uso da diversidade a fim de criar uma auto-identidade distinta que incorpore positivamente elementos de diferentes ambientes numa narrativa integrada. Assim, uma pessoa cosmopolita é precisamente aquela que consegue ficar à vontade numa variedade de contextos (2002: 176).

Hall (2006) e Giddens (2002) tratam a identidade como múltipla e fragmentada e, ao mesmo tempo, identificam as saídas para manter a coerência ao longo da vida moderna, sem apelar para o essencialismo. Para se adequar à realidade, as identidades se estabilizam

temporariamente – como coloca Hall (2006) – em torno de um grupo de valores e significados em um dado contexto histórico.

As crises, que Giddens (2002: 170) define como sendo “perturbações ou ameaças de perturbações” em um dado estado de coisas, instauram-se no campo da identidade cultural exatamente quando uma identidade, até então estável, equilibrada, começa a ser abalada pelas transformações sócio-históricas.⁴ A crise do Estado-Nação desencadeada pelo processo de globalização, por exemplo, perturba o nacionalismo e, conseqüentemente, a identidade construída em torno do pertencimento a uma nação.

A crise do nacional, que acelera a transnacionalização tecnológica – tanto como o reviver do nacionalismo -, não é unicamente latino-americana, mas tem sim na América Latina traços próprios, que partem do processo dependente e reflexo de formação dos Estados nacionais e se expressam na impossível articulação da pluralidade cultural dos países nos projetos nacionais de desenvolvimento (MARTÍN-BARBERO, 2004: 182-183).

A identidade ideal da nação perde sua força simbólica para os valores e crenças que circulam com a globalização cultural. De acordo com Hall (2006: 84), um dos efeitos dos processos globais é o surgimento de novas identidades ou “posições de identidade”, que se constituem a partir do encontro e/ou confronto de diferentes culturas, proporcionados pelas migrações territoriais e oferta de produtos culturais através dos meios de comunicação.

Por outro lado, o processo de globalização pode levar ainda ao fortalecimento de identidades locais que se sentem ameaçadas com a imposição dos novos símbolos culturais (HALL, 2006: 85). Para Martín-Barbero (2004), a valorização do local dará visibilidade a um resíduo cultural que já resistia à homogeneização: as culturas populares. Outra face desse fenômeno são os fundamentalismos culturais construídos em torno de etnias ou religião e que acabam por trazer à tona um discurso identitário essencialista como forma de proteção. É o que Manuel Castells (2008: 86) chama de identidades de resistência. Tratam-se de formações identitárias que servem de refúgio a sujeitos que não se identificam com os estereótipos globais dominantes.

Interessa destacar que a circulação de signos culturais torna-se cada vez mais intensa com o aprimoramento dos meios de comunicação, fazendo com que estes, por sua vez, tenham uma parcela de responsabilidade na construção dos referenciais de identidade na contemporaneidade.

⁴ Não vamos adentrar na seara das crises do sujeito psicológico.

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras sons e imagens de nossa cultura como personalizando-as ao gosto das identidades e humores dos indivíduos (CASTELLS, 1999: 22).

No entanto, Martín-Barbero (2004) adverte que a massificação das tecnologias e dos processos promovidos por elas podem mobilizar uma idealização do popular ressaltando a identidade essencial, autêntica. Estas reações tendem a considerar a mediação tecnológica dos hábitos culturais como uma impureza, daí o apego a um passado em que a ausência da máquina é lembrada como uma situação romântica, verdadeira, que é deturpada, maculada pela chegada da tecnologia⁵.

Para Castells (1999), a identidade é importante no contexto atual porque se converte em uma das poucas fontes de significado e sentido para os sujeitos da sociedade em rede. A ameaça da falta de sentido é subjacente à dinâmica da modernidade tardia. Como ressalta Giddens (2002: 186), todos os dilemas pelos quais o “eu” passa podem levar os sujeitos a uma condição em que não vêem o sentido pessoal da vida.

O sentimento de ausência de um projeto de vida pode afetar a construção da auto-identidade do homem moderno, que passa pela aceitação da realidade ao seu redor e das outras pessoas que o cercam. Contudo, a auto-identidade não é determinada somente pela relação do sujeito com o outro. Ela é uma narrativa particular - cada sujeito tem a sua - construída a partir da adequação ao movimento reflexivo da modernidade tardia, no qual se incluem as relações interpessoais, as relações coletivas, as próprias ansiedades do eu (GIDDENS, 2002: 54-55). Questões estas que, na contemporaneidade, ganharam novos contornos com a ubiquidade das tecnologias digitais em nossas rotinas.

Segundo Castells (1999: 40), a busca dos sujeitos por conexões e partilha de identidades é uma forma de superação da solidão desencadeada pela expansão da globalização. As comunidades⁶, que em modos de vida mais tradicionais estavam

⁵ Um exemplo dessa questão pode ser pensado a partir dos indígenas. No imaginário idealizado, esses povos deveriam ainda se vestir com penas e sobreviver da caça e pesca. Quando o Estado partilha desse ideal, executa políticas para preservar os comportamentos autênticos – como o artesanato – e não investe em questões consideradas mais essenciais para o dia a dia desses sujeitos, como a inclusão digital.

⁶ Autores como Ferdinand Tönnies (1857) e Émile Durkheim (1912) identificam as comunidades como formas de organização humana características das sociedades tradicionais e marcadas por agrupamentos em torno de laços consangüíneos, territórios e solidariedade, em contraposição às sociedades modernas, em que prevalecem relações contratuais e onde os indivíduos encontram-se isolados.

organizadas em torno da marcação territorial, acabam sendo refúgios para os indivíduos dispersos na sociedade em rede. Elas servem de abrigo tanto para os que se encontram à margem das trocas globais e se unem em torno de identidades de resistência ou explosivas; quanto para os cosmopolitas, pessoas que partilham das benesses da cultura global, como acesso e uso de novas tecnologias de comunicação e informação. (CASTELLS, 2002, 1999).

André Lemos (2008: 144) observa que as novas tecnologias têm um caráter paradoxal, pois tanto podem contribuir para agregar os sujeitos quanto para desagregá-los. Bauman (2005) concorda com o autor brasileiro ao se referir que as tecnologias têm papéis ambivalentes, aproximando e afastando os indivíduos. O mesmo aparato que encerra o homem em um ambiente físico na frente de uma tela é capaz de colocá-lo em conexão com outros territórios e com uma grande variedade de pessoas em salas de bate-papo ou através de sites de redes sociais e de relacionamentos como Orkut, Facebook e Twitter.

Dessa forma, isolamento\exclusão e pertencimento\aproximação são palavras-chave para compreender como se dá a construção das identidades no mundo tecnologicamente mediado.

2. Identidade e diferença – uma apresentação conceitual

Conforme Kathryn Woodward (2000: 50), os sistemas de pensamento tendem a construir dualismos que passam a ser naturalizados. Retomando o pensamento do filósofo francês Jacques Derrida, Woodward (2000) observa que as oposições binárias são representações de relações de poder a partir do momento em que um dos elementos do par tem mais legitimidade ou valor que o outro.

No campo cultural, da identidade e da diferença, a lógica oposicionista opera com base também na exclusão e, conforme a autora, a manutenção dessas oposições tem dado sustentação ao pensamento europeu e mantido relações de poder vigentes. Dessa forma, o mundo social passa a ser organizado em torno de dicotomias que marcam a posição dos sujeitos sociais, ou seja, estabelecem as diferenças entre eles.

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições (...), no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre ‘nós’ e ‘eles’. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (WOODWARD, 2000: 41).

A autora coloca em destaque que as classificações são construídas com o intuito de estabelecer diferenciações entre os sujeitos que se dão tanto no âmbito simbólico, quanto no social. Contudo, o alerta que Woodward (2000) faz é que as elas tendem a considerar a identidade como o oposto da diferença, enquanto, como ressalta a autora, e também outros pesquisadores, a identidade depende da diferença.

A identidade e a diferença são marcadas uma pela outra; interdependentes e produzidas em um mesmo processo. Os sentidos assumidos pela identidade e pela diferença não são fixos. E sim processuais, resultados de produções (BARBALHO, 2008: 111).

A afirmação de Barbalho reconhece a complementaridade e interdependência entre a identidade e a diferença e não somente a oposição entre os dois conceitos. Essa noção é decisiva para a ruptura com a ideia de uma identidade única, essencialista e imutável.

Como indivíduos, podemos passar por experiências de fragmentação nas nossas relações pessoais e no nosso trabalho. Essas experiências são vividas no contexto de mudanças sociais e históricas, tais como mudanças no mercado de trabalho e nos padrões de emprego (WOODWARD, 2000: 31).

No Jornalismo, a ruptura ou fragmentação de que fala a autora é desencadeada pela introdução das novas tecnologias na rotina de trabalho. No Ceará, o jornal *Diário do Nordeste* (DN) adotou um modo particular de produção do jornalismo multimídia em que os repórteres do impresso são deslocados para também assumirem a função de produtores de conteúdos audiovisuais. De posse de um celular multifuncional, os jornalistas saem às ruas para apurar os fatos e construir dois relatos: um escrito e um audiovisual, este último que é qualificado pelo periódico como produção multimídia.

Os autores Pereira e Jorge (2009) afirmam que a prática do jornalismo multimídia no Brasil motiva preocupações nas empresas, nos profissionais e na academia. As inquietações que os autores descrevem estão diretamente relacionadas com o perfil do profissional multimídia construído a partir da prática que os jornalistas experimentam.

O jornalismo multimídia é resultado direto das transformações decorrentes do uso das novas tecnologias. Díaz Noci e Salaverría (2003) definem essa nova prática como “uma integração sincrônica e unitária de conteúdos expressados em diversos códigos, principalmente mediante textos, sons e imagens” (NOCI e SALAVERRÍA *apud* PEREIRA e JORGE, 2009: 02).

No DN, a inquietação se dá pelo uso de um celular multifuncional para a produção de registros audiovisuais. Diante dessa situação, os jornalistas ficam no limiar entre uma identidade estável, calcada em valores e práticas associados à rotina do jornal impresso e uma identidade ainda em construção, que os aproxima do manuseio de tecnologias móveis e de diferentes linguagens. Portanto, o profissional se vê pressionado ou interpelado por forças exteriores a ele – sociais e culturais - a desempenhar um papel, ocupar um lugar e exercer uma postura tida como necessária para a sua aceitação e reconhecimento pelo grupo (formado por empresa, colegas de profissão e sociedade), imposições ou cobranças estas que irão incidir na constituição de sua subjetividade:

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2000: 111-112).

A partir do raciocínio de Hall (2000), é possível perceber que os repórteres estão sendo “chamados” a ocupar uma posição identitária marcada pela competência para lidar com as tecnologias digitais e multimidiáticas. Pereira e Jorge concluem que o perfil ideal do profissional multimídia no Brasil deve primar pela conciliação entre os dois polos da identidade jornalística: a competência técnica e a competência intelectual.

Os contornos de todo esse cenário e a indefinição quanto ao papel do jornalismo hodierno faz ressurgir antigos dilemas da profissão (técnica versus formação intelectual) e demonstram como velhos valores tendem a moldar percepções e usos sobre as tecnologias (PEREIRA e JORGE, 2009: 09).

Nossa pesquisa irá, exatamente, investigar de forma aprofundada, se os repórteres do DN são incentivados a aprimorar as competências técnica e intelectual ou se a cobrança centra-se apenas no desempenho técnico, em uma demonstração de exaltação da tecnologia. A valorização, seja do perfil técnico ou do perfil intelectual, será decisiva ainda para a compreensão dos conflitos instaurados no dia a dia desses repórteres a partir das mudanças provenientes com o uso da tecnologia.

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença

são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (nós e eles); classificar (bons e maus; puros e impuros; desenvolvidos e primitivos; racionais e irracionais); normalizar (nós somos normais; eles são anormais) (SILVA, 2000: 81-82).

Os conflitos vivenciados pelos jornalistas do DN poderão se manifestar através do jogo de oposições e classificações, ou seja, do reconhecimento da diferença e na construção de uma nova identidade.

3. Entre a multimídia e o jornalismo impresso – identidades em crise e em construção

Nossa investigação será guiada pela seguinte hipótese: a identificação com o perfil multimídia poderá localizar o repórter em uma posição de inclusão dentro da redação, que lhe trará benefícios simbólicos como a atribuição da alcunha de moderno, já que se encontra em sintonia com as mudanças no campo do jornalismo e com as práticas exercidas em jornais tomados como referencial para o exercício da profissão nos cenários nacional e internacional⁷.

Por outro lado, a resistência ao manuseio da tecnologia – deliberada, por medo, por falta de competência ou por discordância ideológica com o projeto da empresa – poderá relegar esse repórter ao lugar da exclusão e da desvalorização dentro da redação?

Dessa forma, o jornalista que não produz conteúdos multimídia carregará, em oposição ao multimidiático, a alcunha de atrasado? Pois continuará preso a uma prática jornalística cujo referencial está assentado somente nos valores do jornalismo impresso, enquanto a contemporaneidade do discurso jornalístico está construída em torno da convergência midiática.

As consequências dessa disputa que circunda a formação da identidade do jornalista multimídia e deixa entrever a crise da identidade do jornalista do impresso serão observadas com a realização da pesquisa junto aos profissionais do jornal *Diário do*

⁷ Exemplos de jornais que também adotam práticas semelhantes: no Brasil, *Folha de S. Paulo*, *O Estadão* e *Extra*. Na América Latina, destaca-se o *Clarín*, na Argentina, e nos Estados Unidos, o destaque fica para o *New York Times*.

*Nordeste*⁸, que se reveste de relevância dados os questionamentos que se desenrolam em torno da legitimidade e mesmo necessidade do jornalismo na atualidade.

A identidade profissional do jornalista multimídia ainda está em processo de negociação e avaliação, e sofre a influência de vários fatores. No processo de tomada de decisão do repórter acerca das fontes a consultar ou na adoção e utilização da tecnologia por toda a redação convergente, o que está em jogo é a identidade profissional do jornalismo, num *environment of service* (McLuhan) em mutação onde se questionam princípios de hierarquia e autoria (PEREIRA e JORGE, 2009: 13).

Nosso estudo, além de identificar as oposições e dualismos presentes com as classificações engendradas na redação do DN, irá também observar como a denominação do repórter multimídia abala as hierarquias estabelecidas no espaço social da redação jornalística e ainda se a resistência às mudanças aciona um discurso identitário essencialista, marcado pela defesa de modelos e práticas profissionais exercidos no passado, ou se ela nem mesmo se manifesta no discurso e postura dos jornalistas.

Toda a discussão conceitual construída até o presente momento orientará a investigação da construção da identidade dos repórteres do *Diário do Nordeste* diante da prática do jornalismo multimídia.

4. Referências Bibliográficas

- BARBALHO, Alexandre. **Textos nômades**: política, cultura e mídia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.
- BAUMAN, Zygm Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygm Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação, economia, sociedade e cultura. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 6. ed.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**: a era da informação, economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 2. ed.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

⁸A metodologia de investigação a ser trabalhada será a entrevista em profundidade.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEMOS, André. **Cibercultura** – tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 4. ed, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

PEREIRA, F.H e JORGE, T. H. Jornalismo on-line no Brasil: reflexões em direção ao perfil de um profissional multimídia. In **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

SALAVERRÍA e NEGREDO, Ramón e Samuel. **Periodismo integrado** – convergencia de medios y reorganización de redacciones. Universidade de Navarra, Espanha, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença; uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.